

O SIGNIFICADO DO LUGAR E A VISIBILIDADE DOS DILEMAS SOCIOAMBIENTAIS VIVENCIADOS PELOS MORADORES DO BAIRRO JARDIM OLIVEIRA, CÁCERES, MATO GROSSO

THE MEANING OF THE PLACE AND THE VISIBILITY OF THE SOCIO-ENVIRONMENTAL DILEMMAS LIVED BY THE PEOPLE OF THE JARDIM OLIVEIRA DISTRICT, CÁCERES, STATE OF MATO GROSSO

EL SIGNIFICADO DEL LUGAR Y LA VISIBILIDAD DE LOS DILEMAS SOCIOAMBIENTALES VIVENCIADOS POR LOS MORADORES DEL BAIRRO JARDÍN OLIVEIRA, CÁCERES, MATO GROSSO

Almerinda Auxiliadora de Souza

Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.
almesouza@hotmail.com

Flávio Bezerra Barros

Doutor em Biologia da Conservação pela Universidade de Lisboa. Docente do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Universidade Federal do Pará (INEAF/UFPA). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq-Nível 2.
flaviobb@ufpa.br

Recebido para avaliação em 02/09/2018; Aceito para publicação em 17/12/2018.

RESUMO

Este estudo foi realizado no bairro Jardim Oliveira, situado na cidade de Cáceres/MT, à margem esquerda do rio Paraguai. O objetivo consistiu em entender a relação dos moradores com o lugar. A pesquisa foi de natureza exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. Para o levantamento de dados nos pautamos em observação, entrevista semiestruturada e registros fotográficos. Os resultados revelaram que o Jardim Oliveira é percebido pela experiência dos moradores, que mesmo com as limitações, conhecem, dão sentidos e significados ao lugar. Verificou-se a topofilia associada ao sentimento pelo lugar, o que poderia ser contraditório, visto que os mesmos interlocutores relataram que já vivenciaram e/ou presenciaram casos de violência no bairro. O rio Paraguai aparece como centralidade nas relações dos moradores com o lugar. É visível a ausência de infraestrutura básica no bairro, o que interfere de forma direta na vida dos moradores, levando-os a vivenciarem os dilemas socioambientais.

Palavras-chave: Questões Socioambientais; Lugar; Rio Paraguai; Mato Grosso.

ABSTRACT

This study was carried out in the Jardim Oliveira district, located in the municipality of Cáceres, State of Mato Grosso, on the left bank of the Paraguai River. The objective was to understand the relationship of the residents with the place. The research was exploratory and descriptive, with a qualitative approach. For the survey of data we are in observation, semi-structured interview and photographic records. The results revealed that Jardim Oliveira is perceived by the residents experience, that even with the limitations, they know, give meanings and meanings to the place. Topophilia was associated with feeling for the place, which could be contradictory, since the same interlocutors reported that they had experienced and / or witnessed cases of violence in the neighborhood. The Paraguai River appears as centrality in the relations of the residents with the

place. The lack of basic infrastructure in the neighborhood is visible, which directly interferes with the lives of the residents, leading them to experience the socio-environmental dilemmas.

Keywords: Socio-environmental Themes; Place; Paraguai River; State of Mato Grosso.

RESUMEN

Este estudio fue realizado en el barrio Jardim Oliveira, situado en la ciudad de Cáceres / MT, a la margen izquierda del río Paraguay. El objetivo consistió en entender la relación de los habitantes con el lugar. La investigación fue de naturaleza exploratoria y descriptiva, con abordaje cualitativo. Para el levantamiento de datos nos fijamos en observación, entrevista semiestructurada y registros fotográficos. Los resultados revelaron que el Jardín Oliveira es percibido por la experiencia de los habitantes, que incluso con las limitaciones, conocen, dan sentidos y significados al lugar. Se verificó la topofilia asociada al sentimiento por el lugar, lo que podría ser contradictorio, ya que los mismos interlocutores relataron que ya vivenciaron y / o presenciaron casos de violencia en el barrio. El río Paraguay aparece como centralidad en las relaciones de los habitantes con el lugar. Es visible la ausencia de infraestructura básica en el barrio, lo que interfiere de forma directa en la vida de los habitantes, llevándolos a vivir los dilemas socioambientales.

Palabras clave: Cuestiones Socioambientales; Lugar; Río Paraguay; Mato Grosso.

INTRODUÇÃO

O lugar tem sido utilizado desde a antiguidade como noção para limitar a localização das coisas, no entanto, lugar é mais que isso. Quando se consegue ultrapassar o conceito primário para o termo “lugar” é possível vê-lo na sua função social. É preciso ultrapassar a ideia do conceito de lugar como simples localização espacial, uma vez que o lugar é o espaço que se torna familiar ao sujeito, é o espaço vivido, mas também experienciado (SOUZA, 2015, p. 308; CAVALCANTI, 2008, p. 89). Aprender o lugar significa contextualizá-lo em suas significações teóricas. Dessa forma, ao pensar essa categoria, é preciso considerar que há diferentes caminhos para a compreensão e o entendimento desta enquanto perspectiva conceitual. Um pelo viés da Humanista e outro pela Crítica. De acordo com Moreira e Hespanhol (2007, p. 49), essas duas perspectivas “teórico-metodológicas abordam o lugar e o distinguem de formas diferentes, no entanto, nem por isso uma invalida a outra, muito pelo contrário, estas se complementam em suas especificidades”.

Moreira e Hespanhol (2007, p. 49) enfatizam que o conceito de lugar está associado ao humanismo, limitando-o ao espaço vivido. Essa correlação não é uma eventualidade, levando-se em consideração que esta corrente encontrou no lugar a possibilidade de explicar a construção do mundo, uma vez que o lugar é visto como o mundo da vida, marcado pela experiência e pela percepção, do sentimento e do entendimento das pessoas, tanto de forma individual como coletiva (MELLO, 2002, p. 2).

É a partir do lugar que as experiências e as vivências são articuladas em um dado espaço. Ao considerar essa concepção, Lopes (2012, p. 26) pontua que para os humanistas, a essência do lugar é mediatizada pelo espaço através das experiências. Este é o centro em que são experimentados os eventos mais significativos da vida humana: o viver e o habitar, o uso e o consumo, o trabalho, bem como o lazer. Para o autor, é no lugar que essas ações se desenvolvem, as pessoas assumem, além da ação e da percepção em suas experiências concretas ou simbólicas, abarcam o lar, a casa, o vilarejo, o bairro, a cidade, o país e o mundo.

Tuan (2013, p. 19) afirma que as experiências são formadas pelos “sentimento e pensamento”, ambos são maneiras de conhecer e construir a realidade. Estas variam entre a sensação, a percepção, a concepção e o pensamento (emoções), que, na visão do autor, dão o colorido a toda experiência humana. Essa atinge um grau de totalidade, na medida em que a realidade é concreta, mediante todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva, isso pode ocorrer quando se reside por muito tempo em determinado lugar, pode-se conhecê-lo intimamente, contudo, a experiência é necessária.

Em topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, Tuan (2012, p. 161) aponta que a topofilia “está associada ao sentimento com o lugar, pois representa o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, ou seja, o amor do homem pela natureza”, porém reforça que o meio ambiente pode não ser a razão direta da topofilia, pois reconhece que este oferece o estímulo sensorial, que, ao agir como imagem percebida, dá formas às alegrias e ideais. O sentimento pelo lugar pode ser evidenciado também a cada peça dos móveis de uma casa, ou mesmo uma mancha na parede.

Pelo viés da crítica nos apontamentos expressos de Santos (1988; 2008; 2012) e Carlos (2007, p. 14), o lugar é caracterizado a partir da singularidade (objetiva, universalista e capitalista) ao guardar em si e não fora dele o seu significado, pois num mesmo lugar se produz a articulação contraditória entre o mundo que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Portanto, quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos, “mas também são globais”. O lugar nessa perspectiva se apresentaria como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento (CARLOS, 2007, p. 14).

Na perspectiva de Carlos (2007, p. 17), a dimensão da história também é importante na definição do lugar, pois na prática cotidiana é que surge o plano do vivido. Pensar o lugar significa pensar a história particular de cada lugar, que se concretiza a partir da cultura, da tradição, da língua, dos hábitos e dos costumes, com características próprias e

construídas ao longo do tempo. A mesma autora cita como exemplo a cidade, onde o plano de vida e do indivíduo se produz e se revela. É no local que as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados todos os dias se revelam, no modo de uso, de forma mais comum, casual, é o espaço passível de ser pensado, apropriado e vivido através do corpo e de seus sentidos. Assim se percebe no mundo, que ele constrói.

Ao construir os sentidos, o lugar se apropria do espaço do mundo, assim, torna-se a porção do espaço apropriável para a vida, não só apropriada através do corpo e dos sentidos, mas pelos passos dos moradores. A rua, a praça, o bairro são lugares que dizem respeito ao seu cotidiano e ao modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso, portanto, trata-se de um espaço palpável, assim, o lugar é a palavra-chave nessas diferentes ordens de grandeza (CARLOS, 2007, p. 18; MELLO, 2002, p. 2).

Para tanto, Santos (2008), Carlos (2007) e Tuan (2013) salientam que o papel do lugar é determinante. Isso porque se estabelece um quadro de vida, requer a renovação, ao mesmo tempo, a indagação sobre o presente e o futuro. A existência dá acesso ao mundo e aproxima as pessoas da realidade dos lugares. Conforme Callai (2000, p. 84), estudar e compreender o lugar significa buscar entender o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais ou humanas.

O bairro Jardim Oliveira insere-se nessa busca de compreensão. Nesse sentido, o objetivo deste artigo foi buscar entender a relação dos moradores do bairro com o lugar, imprimindo neste contexto a realidade, as experiências por eles vivenciadas, buscou-se ainda compreender o cotidiano, as relações sociais estabelecidas no lugar, as questões socioambientais visíveis de violência e quais significados atribuem ao lugar diante da ausência de infraestrutura.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Área de estudo

O estudo foi realizado no bairro Jardim Oliveira, situado na cidade de Cáceres – MT, à margem esquerda do rio Paraguai, conforme a Figura 1. O Jardim Oliveira conta com uma população de aproximadamente dois mil habitantes, cuja grande maioria é de baixa renda e muitos obtêm o sustento a partir da pesca.

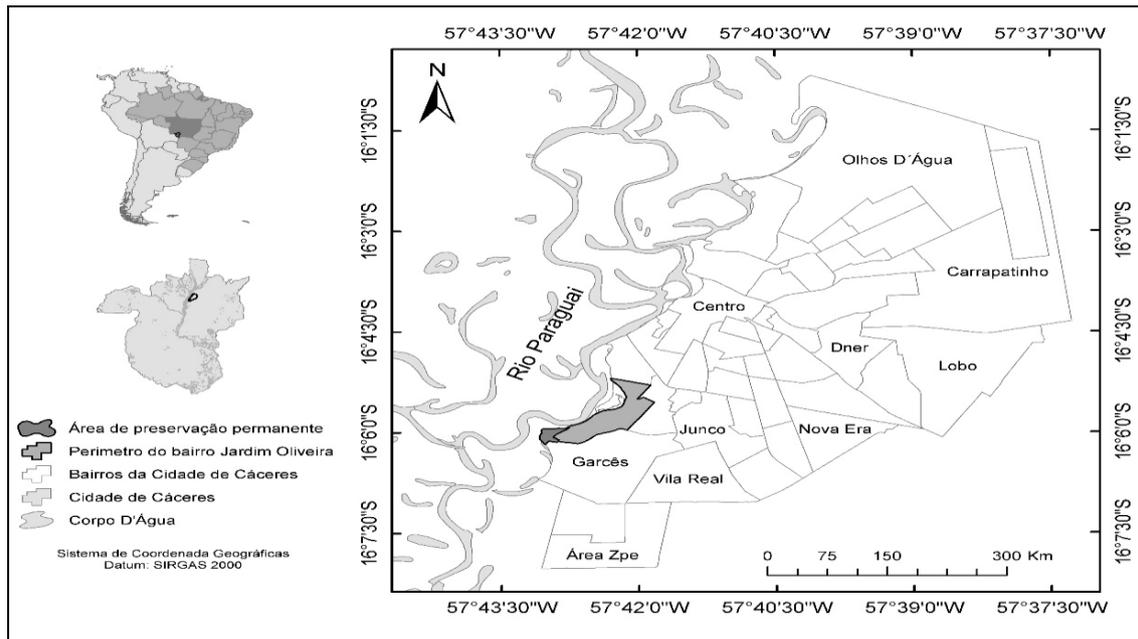


Figura 1 – Localização do Bairro Jardim Oliveira – Cáceres, MT, Brasil.

Fonte: Elaborado por SOUZA, A. A. (2016).

O Jardim Oliveira tem origem numa ocupação ocorrida no ano de 1996 por pessoas que em sua grande maioria ficaram desempregadas na ocasião da desativação da EMPA (Empresa Mato-grossense de Pesquisa Agrícola), que ao se depararem com a situação de abandono da área, significou para os excluídos a possibilidade para a construção de uma comunidade, ocupando a área em pequenos lotes, onde seria possível morar e plantar. O bairro foi se formando espontaneamente, crescendo sem infraestrutura e sem planejamento urbanístico (ZART et al., 2016). Por essa razão o bairro Jardim Oliveira é considerado periférico quando comparado ao centro da cidade de Cáceres, Mato Grosso. O mesmo possui características rurais, parece não pertencer ao perímetro urbano, sinalizado ao atravessar a BR 070 e seguindo pela rua de terra batida, a cidade parece ficar para trás.

Os caminhos e os sujeitos da pesquisa

O tipo de pesquisa utilizada neste estudo é a exploratória e a descritiva. Conforme Gil (2006, p. 25), estas são as que mais “proporcionam familiaridade com o problema, podendo contribuir e aprofundar o conhecimento da realidade, ao explicar a razão e o porquê das coisas”; busca-se ainda, descrever as características e as particularidades de determinadas populações. Ao pensar no contato com os sujeitos do estudo, teve-se a intenção de uma maior aproximação com a realidade local, considerando que a relação que

se cria é de interação, buscando a reciprocidade entre quem pergunta e quem responde (LÜDKE; ANDRÉ, 2012, p. 33).

A pesquisa foi realizada no período de agosto de 2015 a maio de 2016, com 20 moradores do bairro Jardim Oliveira, através de técnicas que pudessem contemplar o método e a abordagem qualitativa. A escolha por estes caminhos se fortaleceu por esta ser baseada em princípios, assim como: o diálogo, a interação, a troca de saberes e experiências.

Conforme Bogdan e Biklen (1994, p. 47); Lüdke e André (1986, p. 11), a pesquisa qualitativa “permite a aproximação do pesquisador, o sujeito de pesquisa com o objeto investigado em ambiente de pesquisa”, oportunizando aos pesquisadores a compreensão dos fatos, para que possam agir, inicialmente observando o fenômeno em si, para num segundo momento compreender a sua natureza e seus significados, pois estes “são de fundamental importância para a análise dos dados coletados”.

Para a coleta de dados, fizeram-se necessários alguns procedimentos metodológicos, dentre eles a observação e a entrevista semiestruturada. Nos registros das informações, utilizou-se o caderno de campo, uso de gravador e câmera fotográfica, sendo os dois últimos com a autorização dos participantes da pesquisa, através do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

As imagens fotográficas foram utilizadas como um recurso de grande relevância para a construção dos resultados. Na entrevista utilizou-se um roteiro semiestruturado, com questões abertas e fechadas, a fim de obter respostas quanto aos questionamentos realizados. Não houve sequência linear, visto que, “esse tipo de entrevista permite ao pesquisador as necessárias adaptações” (LUDKE; ANDRÉ, 2012, p. 34).

TOPOFILIA E O SIGNIFICADO DO LUGAR

Conforme Tuan (2012, p. 46), lugar não é simplesmente um fato a ser elucidado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhes dão significado. De acordo com Carlos (2007, p. 14), o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as suas dimensões, estas, enquanto movimento da vida. Com efeito, Souza (2015, p. 313) afirma que o lugar possui significados e valores que não se separam das experiências de quem os habita. Sendo assim, o lugar é parte essencial da existência humana, o qual exerce um papel fundamental nas

relações sociais e na medida em que atribui sentidos e ideias tanto a si próprio como a um objeto.

Quando inquiridos se gostam de morar no Jardim Oliveira, todos os 20 entrevistados revelaram com muita ênfase que gostam de morar no bairro. Nas afirmativas, demonstraram a satisfação com o lugar. Cinco entrevistados disseram que mudariam de bairro, apesar de terem afirmado gostar do lugar. Nos relatos, aponta-se que tudo o que o bairro oferece lhes agrada, já outros interlocutores deixam claro em suas falas a aversão pelo lugar; porém, por mais que revelem que no bairro ocorrem diversos problemas socioambientais, sinalizados pela ausência de infraestrutura, apontam a tranquilidade do lugar ao relacioná-lo com a calma, e ainda como se sentem ligados ao bairro e à segurança que este lhes dá se comparado a outros lugares por eles vivenciados. Vejamos alguns relatos:

Pra mim representa um lugar muito bom, muito **calmo**, eu gosto daqui! Eu sinto ligada e aqui **eu não tenho medo**, no Imperial eu nem dormia de medo. Mas **gosto é do rio**. Menos gosto não tem de que, né? Tudo gosto!” (Sr.^a Josefa, trabalho de campo, 2016) [grifo nosso].

[...] eu gosto do lugar, pra mim, é bom, de certa maneira, é um lugar tranquilo, claro que, de vez em quando, tem uns pegas por aí, mas é bom. O que eu mais gosto é **a tranquilidade**. O que eu menos gosto é que são essas **ruas nossas sem asfalto**, né? Só areia (Sr.^a Deisinha, trabalho de campo, 2016) [grifo nosso].

Ah! Pra mim, é **um conforto** porque tá perto da minha avó, né? **Perto da minha família, perto da beira do rio, eu gosto muito do rio**, gosto muito de morar aqui, mais meus filhos, não. O que mais gosto é do rio, o que menos gosto é do bairro não ser bem localizado, ou então **não ser estruturado ainda**, né? **Falta muita coisa** (Sr.^a Marlene, trabalho de campo, 2016) [grifo nosso].

Os relatos permitem entender a aversão a outro bairro, que é reforçada pelo medo. Ao passo que apontam que o Jardim Oliveira é um lugar de significados relevantes. Percebe-se nas falas a lealdade para com o lugar, o elo com o rio que se apresenta como fonte de alimento, a afinidade e o sentimento de pertencimento retratado pela tranquilidade ofertada e pela familiaridade com o lugar.

Na perspectiva de Tuan (2013), é possível entender estes significados, quando o autor reforça que quanto mais o tempo passa, mais as pessoas se familiarizam com o lugar, quanto mais o conhece, mais sentido se dá ao lugar, se estabelece uma zona de conforto, exemplificando-se assim como um par de chinelos (TUAN, 2013, p. 224).

A tranquilidade e a calma do lugar, mencionadas pelos interlocutores, estão relacionadas com as características do lugar, em relação ao centro urbano, pois o Jardim Oliveira é afastado da área central por 3,5 km. A natureza reforça a qualidade ambiental,

representada pelo rio, pela fauna, pelas plantas presentes nos quintais, como se refere a senhora Antonia Ely “Eu gosto de tudo, das minhas plantas, do rio, amo sair ali e ver o pôr do sol, que é maravilhoso”. Assim como em outros relatos que traduzem o sentimento pelo lugar.

[...] o rio do lado que é uma maravilha. O que mais gosto quando todos que chegam a minha casa, é o rio que é do lado aqui, quase 50 metros. O que menos gosto foi a depredação que houve no local, né? Era um local natural, a mata ciliar na margem esquerda já não existe mais, por causa da invasão, devido a invasão então há parte que teve muita degradação ambiental (Sr.^a Dina, trabalho de campo, 2016).

[...] aqui o EMPA é um bairro tranquilo, gostoso de morar. Eu gosto porque tenho prioridade de morar perto do rio, você vê, hoje eu tava aqui, tinha um tucano, coisa mais linda aqui o passarinho, quando é época de fruta, os papagaios vem comer tudinho ali, porque meu marido cortou o pé ali [...] meu marido fez um trem de colocar milho, eles vêm e comem, eu acho a coisa mais linda do mundo se morar num lugar desse (Sr.^a Cida Rossi, trabalho de campo, 2016).

Sinceramente. Paz! Eu amo, amo, amo esse lugar! [...] Esse lugar me dá paz, sossego! [...] fico olhando, é algo muito gostoso, não tem, não tem como explicar! Traz uma paz muito grande o rio! O lugar tão bonito assim que era pra ser tão, né? E não é bem cuidado (Sr.^a Lourença, trabalho de campo, 2016).

A natureza surge como elemento que sintetiza os pontos com maior significação, está ligado ao modo de vida dos interlocutores. Verifica-se que o rio Paraguai aparece como centralidade na relação dos moradores com o lugar. Inserem-se, neste contexto, o sentimento de paz e a interatividade com o rio. Atribuem valor e importância quanto ao fato de ter o rio ao lado de sua casa, receber as pessoas em sua casa, poder apreciá-lo a qualquer momento. Para Carlos (2007, p. 22), a relação entre o homem e a natureza é tecida pelas relações sociais que se realizam no plano vivido, o que certamente garante a construção de significados, sentidos, identidades, estes são pertinentes para se reconhecer, porque é o lugar da vida.

Percebe-se o sentimento de topofilia pelo lugar (TUAN, 2012, p. 135), definido em sentido amplo e incluído aos laços afetivos dos seres humanos com os aspectos naturais, correspondente ao prazer que se tem de uma vista, a sensação de beleza, como também pode ser tático: o deleite ao sentir o ar, a água, a terra.

Nos relatos abaixo, é possível entender o sentimento de topofilia pelo lugar relacionado ao rio Paraguai:

Ah! Olha aqui, eu pra te falar a verdade, eu gosto de tudo que tem aqui, o rio pra mim é uma maravilha, que tá aqui pertinho, né? Meu lugar também, é a diversão, é meu trabalho. E o rio! Adoro o rio, adoro o rio! Ah! [...] Aqui não tem nada

que eu não gosto aqui. Tá bão aqui porque nós não tem jeito de fazer fica melhor (Sr. Pinheiro, trabalho de campo, 2016).

Ele é um bairro bom, devido que fica perto do rio. Eu gosto de morar no bairro. Gosto de morar aqui, o que é ruim é a distância do centro (Sr. Crepaldi, trabalho de campo, 2016).

Olha pra mim esse aqui é o berço de ouro, eu não quero outro lugar [...] Sempre ligado a esse bairro e daqui só pro Parque dos Ipês. O que mais gosto é da pesca, principalmente, aqui eu consigo pescar e, aí, consigo vender ele aqui. Aqui eu não preciso de transporte nenhum, eu só uso às vezes quando liga e fala, me traz tal peixe, aí eu vou e levo. Mas, a maioria do pessoal já sabe, eles vêm comprar aqui, então eu vou e pesco e aqui eu vendo (Sr. Eurípedes, trabalho de campo, 2016).

Os relatos acima são da grande maioria de pescadores profissionais, o que justifica o gostar de morar no bairro em função da proximidade com o rio, pois o trajeto de suas casas para o campo de trabalho é um fator positivo. Percebe-se que em determinadas situações se sentem impotentes para fazer algo pelo lugar. No entanto, pelas narrativas, compreende-se o sentimento de pertencimento ao lugar “sempre ligado a esse bairro e daqui só pro Parque dos Ipês” (nome denominado a um dos cemitérios da cidade de Cáceres), revela que só sairá do bairro com a morte, evidenciando a topofilia.

Em relação aos odores, Tuan (2013, p. 21) aponta que estes são importantes para os seres humanos, são muitas vezes carregados de emoções. Assim justifica que a expressão “é o berço de ouro”, não é de valor monetário, pois o que indica nas falas do Senhor Eurípedes, não tem preço sentir a brisa do rio, o perfume da natureza, o que difere respirar a poeira de outros lugares: “Ah! Aqui parece que cê sente a brisa do rio, só o perfume da natureza, então aqui pra mim é um berço de ouro” (Sr. Eurípedes, trabalho de campo, 2016).

Os apontamentos de Araújo et. al. (2006, p. 64) corroboram com os relatos dos interlocutores quando mencionam que o rio Paraguai se apresenta de forma esplendorosa devido a sua dimensão, por suas belezas, presenteia a cada morador cacerense e a cada visitante com um espetáculo que só a natureza pode proporcionar. Conforme estes autores, este rio abriga uma rica e diversificada fauna e flora, apresenta-se com uma beleza singular, que surpreende aos olhos de quem o observa.

O cotidiano no Jardim Oliveira e as relações sociais

Segundo Carlos (2007, p. 20), o cotidiano é organizado pela maneira de ser, pelo conjunto de afetos, pelas modalidades do vivido próprio a cada habitante, produzindo uma multiplicidade de sentidos. Acrescenta, ainda, que se pode buscar o entendimento do lugar

nas práticas mais banais e familiares, o que incita a pensar na vida cotidiana, segundo a lógica que lhe é própria e que muitas vezes se instala em pequenos detalhes no imperceptível.

Conforme Santos (2006, p. 127), a vida cotidiana abarca várias temporalidades simultaneamente presentes, o que permite compreender a existência tanto de maneira individual quanto de maneira coletiva, ao mesmo tempo, sua origem e sua finalidade. É no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo e, assim, configurando o espaço, dando aparência ao lugar (CALLAI, 2005, p. 234).

Buscou-se entender, através dos relatos dos interlocutores, como é o cotidiano de quem vive no bairro e como é nos finais de semana. Verificou-se que o dia a dia no Jardim Oliveira é percebido como um bairro que tem pessoas trabalhadoras, que saem cedo para trabalhar no próprio bairro, muitos no centro da cidade e entre outros lugares. Conforme os relatos da Senhora Edna: “O dia a dia é bem trabalhado e bem corrido. Se vê as pessoas saindo cedo de casa pra ir trabalhar, os pescadores com sua maletinha”.

Assim, compreende-se que a figura típica do morador do Jardim Oliveira é formada na grande maioria por pessoas simples no modo de ser e de viver, é possível perceber ao transitar pelas ruas do bairro pessoas em direção ao rio Paraguai, com a vara de pescar, se locomovendo a pé, de bicicleta ou com carriolas, como também entre os horários das 11h00min e 13h00min, das 16h00min às 18h00min o movimento intensificado de trabalhadores e alunos se deslocando para escolas no próprio bairro e nos bairros adjacentes (Figura 2).



Figura 2 – Morador em direção ao rio para atividade de pesca
Foto: Almerinda de Souza (2016).

Os finais de semana no Jardim Oliveira são percebidos pelos moradores de forma diferente do período da semana, isso porque, nos finais de semana, o bairro é movimentado, pois percebem que as pessoas buscam lazer naquilo que o bairro oferece, mais especificamente o rio Paraguai. Reforçam que o fluxo e movimento de carros aumenta, principalmente na rua que dá acesso às pousadas, as quais são frequentadas por pessoas de fora, que alugam as casas de veraneio para pescar e acampar.

Nos finais de semana, a procura pelo rio, tanto para banho, como para pescaria, é uma constante. Isso porque o Jardim Oliveira no final de semana, ao invés de ser calmo, é barulhento, ao contrário do que ocorre na área central da cidade, pois ocorrem de duas formas: pelas pessoas que procuram o bairro para pescaria e lazer nas pousadas, pois a acessibilidade ao rio é facilitada. E pelos próprios moradores, que, desprovidos de mobilidade, seja em razão do produto do trabalho, pois procuram vender o peixe capturado durante a semana, ou pela limitação de recursos para a busca de lazer em outros lugares. Percebe-se que no exercício do lazer nos finais de semana há uma retração dos moradores do bairro, isso porque eles dão espaço para outras pessoas que ali chegam. Dessa forma, as relações entre cotidiano e o lugar, revelam os usos contrastados do mesmo espaço, consoante às diversas perspectivas frente ao que o Jardim Oliveira dispõe, nesse caso, o rio Paraguai.

No que concerne à mobilidade, Santos (2012, p. 116) ressalta que há diferenças ao alcance das pessoas, pois somente aqueles que podem se deslocar até os lugares onde o lazer pode ser proporcionado é que têm condições de consumi-los. Enquanto que os que não possuem condições financeiras devem resignar-se a não utilização de diferentes serviços de outros locais públicos que possam oferecer lazer.

As pessoas que dispõem de meios para se locomover têm, assim, acesso mais fácil ao lazer, se comparadas àquelas cuja mobilidade é limitada ou nula, e seus finais de semana acabam sendo em suas próprias residências, não que seja ruim, pois combinam o lazer junto aos familiares. Conforme Carlos (2007, p. 44), o contato cotidiano com o outro implica em descobertas de modo de vida, dos problemas, assim como as perspectivas comuns. Se de um lado o lugar pode revelar sua rotina, descortinar os confrontos, conflitos e discordâncias, por outro, mesmo com suas contradições pode-se despontar a leitura da vida cotidiana (SERPA, 2011, p. 24).

De acordo com Carlos (2001, p. 34), o lugar, aliado ao cotidiano, revela não somente os aspectos negativos, mas também atitudes de solidariedade realizadas pelos agentes sociais, as quais são conduzidas tanto de forma individual, quanto de forma coletiva, e, dependendo das prioridades e das necessidades diferentes, resultam em ações, vontades e possibilidades. Nesse aspecto os interlocutores do estudo relataram que no bairro se organizam para se ajudarem, pode-se compreender que as relações sociais ocorrem a partir de duas maneiras: uma a partir do grau de parentesco e familiaridade e a outra em relação à vizinhança. No que diz ao grau de parentesco, evidenciou-se que ter a casa próxima à família, diante das dificuldades que enfrentam no dia a dia, traz mais tranquilidade e segurança, como também, quando resolvem pescar, um se comunica com o outro, de forma que o peixe pescado é compartilhado.

E, ainda, há relatos de serem prestativos uns com os outros, quando necessitam dos serviços de reparos ou serviços gerais. Em relação à vizinhança, destaca-se que ocorre sempre de alguns moradores se organizarem e se ajudarem visando à infraestrutura do bairro, a exemplo disso, para arrumar a rua, fazem cotas para comprar cascalho. Consideram que, nesse aspecto, prevalece a união dos moradores da margem esquerda do rio Paraguai, pois são esses que recebem os turistas nas pousadas e residências.

Observa-se que este grupo de moradores se organiza para amenizar os problemas existentes em relação a precariedade das ruas, que são considerados mais críticos, especificamente em épocas de chuva. Evidencia-se que, como há interesses comerciais, não

esperam do poder público, embora a responsabilidade seja dos órgãos competentes para tal.

O Senhor Florentino relatou que faz parte de um grupo de pessoas que visam “uma união para ajudar ao próximo, não só esperar do poder público [...]. A gente tenta ajudar o vizinho, até mesmo o amigo porque aqui todo mundo se conhece”. E, para tal finalidade, relatou que com muita frequência, realizam várias promoções, assim fazem Arroz Silveira e/ou Arroz Carreiro, esses são dois tipos de comida típica de Cáceres e de Mato Grosso, com grande aceitabilidade pela população.

Verifica-se que, nesse grupo, a solidariedade é mais constante, ao se organizarem para levantarem fundos de auxílio ao morador que apresenta dificuldade financeira, especificamente em casos de saúde. Conforme Carlos (2007, p. 22), o lugar é correspondente ao produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido pelas relações sociais que são estabelecidas no plano do vivido, este, por sua vez, é o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos, que são construídos pela história e pela cultura, onde também se produz a identidade, que só se constitui com o lugar a partir dos acontecimentos da vida cotidiana.

A visibilidade do lugar e os dilemas diante da ausência de infraestrutura básica do Jardim Oliveira

Desde o período da ocupação até o momento atual, o Jardim Oliveira vem passando por profundas transformações, tanto no que diz respeito ao modo de viver de seus moradores, como nos aspectos físicos da área. No entanto não ocorreu até o momento a implantação de infraestrutura adequada, que possibilite a permanência da grande maioria dos moradores no bairro para viverem com dignidade. Isso porque no que se refere à infraestrutura, constatou-se que em relação a iluminação pública, os serviços deixam a desejar, tendo em vista que a maioria das ruas encontra-se ainda sem iluminação. Este fato é motivo recorrente de reclamações pelos moradores ao mencionarem as dificuldades em transitar pelas ruas no período noturno, que os colocam em situação de risco, principalmente, os estudantes do período noturno.

Os interlocutores revelaram, ainda, que a ausência de iluminação nas ruas se agrava no período chuvoso, pois às escuras, não se enxerga os buracos no caminho, para poder desviar e evitar danos maiores. Há que se ressaltar que nenhuma rua do Jardim Oliveira é

asfaltada, e o alagamento é uma das preocupações para os moradores, pelo fato da existência de muitas ruas sem as mínimas condições de trafegar.

No bairro não há transporte público, ao passo que o transporte privado é apontado como um dilema no bairro. Denotam que não conseguem os serviços privados (moto taxista, táxis, entrega comercial). Dependendo do horário solicitado, o serviço não é ofertado, a recusa em atender aos moradores acaba sendo desagradável, deixando as pessoas sem opção, conforme reforçado nas falas da Senhora Leny e da Senhora Cida Rossi:

O difícil é pra ir no médico no dia de chuva, né? Porque aqui não vem moto taxi fácil porque é muito escuro e o povo pela fama, né? [...] Aí fica difícil porque eles não vêm socorrer a gente aqui, né? Se a gente não tem um meio de ir a gente fica meio difícil, né? (Sr.^a Leny, 35 anos, trabalho de campo, 2016).

Assim, uma coisa que é chata que moto taxi não vem até aqui, ele vem até às 10 horas da noite, passou das 10 eles não vem, nem chorando eles não vem com medo de ladrão desde o dia que assaltaram o rapaz (Sr.^a Cida Rossi, trabalho de campo, 2016).

Com base na fala supracitada, buscam-se os questionamentos propostos por Santos (2012, p. 63), que cabe aqui também: “Como conciliar o direito à vida? A mobilidade das pessoas é, afinal, um direito ou um prêmio, uma prerrogativa permanente ou uma benesse ocasional?” E, já responde: há linhas de ônibus rentáveis e outras não, a própria existência dos transportes públicos depende de arranjos nem sempre bem sucedidos, nem sempre claros, entre o poder público e as empresas que ofertam os serviços.

Certamente, colocar em circulação transporte público para o atendimento de uma população em que a grande maioria é de baixa renda e utiliza como meio de locomoção a bicicleta (conforme as figuras 3 e 4) não é negócio rentável no Jardim Oliveira. Isso porque uma das vantagens do uso da bicicleta está no seu baixo custo de aquisição e manutenção. O que reforça a cultura do local, tendo em vista que a bicicleta é uma prática cultural dos cidadãos cacerenses, a topografia plana da cidade contribui para essa prática e devido ao uso demasiado desse meio de transporte é que Cáceres foi conhecida por muito tempo como a cidade das bicicletas.



Figuras 3 e 4 – A bicicleta como meio de locomoção da grande maioria de moradores do Jardim Oliveira. Foto: Almerinda de Souza (2016).

Lacerda (2011, p. 206), ao realizar o estudo intitulado “Instantâneo histórico de Cáceres”, menciona que há muitas maneiras de referenciar os fatores que elevam a questão do pertencimento da população de Cáceres, o uso da bicicleta é uma dessas representatividades. Cabe ressaltar que a questão do transporte público não é uma reivindicação dos moradores, o que anseiam é por ruas que apresentem melhores condições para a mobilidade, que proporcione a estes, infraestrutura adequada, para transitarem não apenas com os veículos motorizados (carros, motos, caminhões), mas também de bicicleta.

O bairro também é desprovido de saneamento básico, a ausência dos serviços públicos básicos é um fato corriqueiro no Jardim Oliveira, e devido ao abandono do poder público, nada é levado a sério no local, consideram que o bairro necessita de uma melhor atenção e, devido a carência dos serviços públicos básicos, muitos moradores encontram-se expostos pela situação de vulnerabilidade.

Verifica-se que a ausência de infraestrutura básica no bairro acaba interferindo de forma direta na vida dos moradores, desencadeando problemas socioambientais, pois um bairro sem limpeza acarreta em problemas de saúde à população, cujo atendimento também não é ofertado no bairro. Quando precisam do atendimento à saúde recorrem ao PSF (Posto de Saúde Familiar) mais próximo, nesse caso, no bairro Jardim Paraíso.

Quem tem plano de saúde pode pagar pelos serviços, isso não é fato comum para a maioria dos moradores do Jardim Oliveira. Zart et al. (2016, p. 62) realizaram um estudo na localidade e constataram que grande parte dos moradores encontra-se inserida em contexto de dominação política e cultural, o que torna a participação social incipiente, pois a oferta dos serviços públicos no bairro é insuficiente para o atendimento às demandas em termos

de saúde, educação, saneamento básico, trabalho e renda, o que intervém nas questões socioeconômicas dos moradores.

A maioria dos moradores participantes do estudo já presenciou ou vivenciou situações de violência e estes afirmaram que no início da ocupação do Jardim Oliveira e no processo de apropriação já foi muito violento, mas hoje, o consideram tranquilo em relação ao passado não muito distante.

Em suas narrativas, reforçam que acontecem muitos fatos no bairro, como nos outros também, pois a violência está praticamente em qualquer lugar, em qualquer cidade. Conforme Santos e Ramires (2009, p. 133), em seus estudos referentes à percepção espacial da violência e do medo, apontaram que nos dias atuais todos estão sujeitos à violência, isso porque vive-se um momento em que não há segurança nem mesmo dentro da própria casa, pois a violência tem ocupado todos os espaços da sociedade em si, até mesmo aqueles dos quais acreditava ter total domínio.

Dentre os participantes deste estudo há aqueles que já vivenciaram a violência de perto, como a Senhora Deisinha, que afirmou ter sentido na pele a perda de um filho, entre silêncio e suspiros, ela relatou que presenciou o assassinato do seu filho: “Eu cheguei lá onde ele tava, né, aqui na Pedro Henry, meu filho já tava no chão agonizando e tava numa situação bem complicada, pra mim, difícil de esquecer”.

Para os moradores Senhor Zé Carlinhos e o Senhor Florentino, o bairro Jardim Oliveira não é violento. Atribuem que as situações de violência ocorridas no bairro são cometidas por pessoas de outros bairros, de outros lugares, que se aproveitam da situação, da fragilidade do Jardim Oliveira, a mídia canaliza e passa essa imagem, principalmente quando mencionam sem conhecimento que tal fato ocorreu no pacato bairro EMPA. A esse respeito, as falas são ilustrativas:

[...] A gente vê muitos casos, ah é até chato, a mídia colocar no pacato bairro EMPA, no pacato bairro não sei o quê. Aí você vai ver essas notícias e não são moradores daqui, entendeu? Tem algumas pessoas que são culpadas sim, porque o bairro encontra-se abandonado, muitos lotes sujos, muito mato e essas pessoas de fora sabendo dessa fragilidade do bairro usa o bairro para isso, para praticar esses ilícitos, esses crimes, aí a fama fica no bairro, mas garanto pra você que o bairro Jardim Oliveira não é isso que a mídia mostra (Sr. Florentino, trabalho de campo, 2016).

Eu não acho o bairro Jardim Oliveira violento, é um bairro tranquilo, a gente pode andar aqui a qualquer hora, principalmente eu. A gente anda a qualquer hora do dia ou da noite, eu trabalho aqui na comunidade, conheço as pessoas, os jovens, né? O que acontece são pessoas que brigam lá e vem se esconder aqui no nosso bairro, devido ao tamanho da territorial, da extensão, da territorialidade do bairro (Sr. Zé Carlinhos, trabalho de campo, 2016).

É possível perceber, nos relatos acima, as afirmativas de que, devido à ausência de infraestrutura, torna-se viável a criminalidade e espaço para aqueles que querem se esconder. Associam a violência aos fatores externos, mas também reconhecem os fatores internos. No entanto, no momento da entrevista, muitos apresentavam cautela diante dos apontamentos de fatos de violência, pois, de certa forma, valorizam o seu lugar de vivência.

Com efeito, Santos (2006, p. 55) aponta que há também duas formas de violência: a estrutural e a funcional. E dentre as violências que se fala, a maior parte é, sobretudo, formada de violências funcionais derivadas, essas tornam-se mais visíveis do que para a violência estrutural, que está na base da produção das outras, assim, acaba-se por apenas condenar as violências periféricas. Para o autor, a violência estrutural resulta da presença e das manifestações conjuntas, nessa era da globalização, do dinheiro, da competitividade, da potência, todos em estado puro.

Mas também é possível considerar que a violência estrutural é constituída quando faltam as condições mínimas para a qualidade de vida da população, pela ausência de políticas públicas básicas, situações de desemprego, e moradias em condições precárias. Portanto, percebe-se nos relatos dos participantes do estudo que vivenciam essas situações, sentem-se excluídos e jogados à própria sorte. A senhora Luíza Tonica relatou que o Jardim Oliveira tem fama de ser violento e, por essa razão, muitos moradores sentem-se desvalorizados e com baixa autoestima:

E daí a autoestima do pessoal também é baixa. [...] e daí o EMPA, tem essa cara de ser de gangue, de lugar de prostituição, lugar de traficante, que é mesmo! De pequenos grupos de jovens que sem nenhuma orientação, e com essa possibilidade de servir de alguma forma ao tráfico, vendendo, então é bem discreto assim, mas tá aí (Sr^a Luíza Tonica, trabalho de campo, 2016).

Verifica-se nos relatos, a insatisfação com os acontecimentos corriqueiros no lugar (infraestrutura) e a intercorrência da não valorização humana. Tuan (2013, p. 22), ao abordar o valor do lugar, reforça que este não pode ser visto apenas como valor de ordem econômica, de fácil manipulação, mas deve prevalecer o valor do sentimento, sendo ele particular ou compartilhado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões estruturadas ao longo do estudo leva ao entendimento de que no Jardim Oliveira os dilemas socioambientais são visíveis, é considerado como um bairro

periférico, não pela sua localização, mas sim devido à ausência de infraestrutura básica que ainda é fato presente no bairro.

A relação dos moradores com o lugar, “Jardim Oliveira”, é constituída em suas vivências e experiências e mesmo com os dilemas socioambientais por eles vivenciados. Conhecem-no, dão sentido às suas vidas e atribuem a este lugar o sentimento topofílico e significados, assim como a aversão manifestada diante das mazelas pertinentes a não oferta adequada de infraestrutura básica. A topofilia é evidenciada a partir da afetividade pelo lugar, tendo em vista que todos os participantes do estudo afirmaram que gostam de morar no Jardim Oliveira. São decisivos ao aspecto de tentativa de permanência no lugar, isso posto, a ausência de infraestrutura é fato corriqueiro, mas não é determinante para saída dos moradores do lugar, pois, para estes que residem no Jardim Oliveira, a ocupação representou a conquista de sua moradia.

O fato dos interlocutores terem revelado a satisfação com o lugar, apontando-o como um lugar tranquilo, um lugar de paz, um lugar calmo, em um primeiro olhar, poderia ser contraditório, visto que os mesmos interlocutores relataram já ter vivenciado e/ou presenciado casos de violência no bairro, no entanto, constatou-se que a tranquilidade e a paz, apontadas nos relatos, referem-se aos indicativos topofílicos: o contato que estes têm com os aspectos naturais que compõem o cenário do Jardim Oliveira: o rio Paraguai, a beleza cênica deste rio, o pôr do sol, os peixes, os pássaros nos quintais e as plantas.

A carência dos serviços básicos é visível, os quais resultam em problemas socioambientais, além de afetar a qualidade de vida dos moradores, coloca-os em condições de vulnerabilidade. Portanto, a prerrogativa de melhorias em toda infraestrutura no bairro é uma necessidade para que os moradores permaneçam no lugar com dignidade, considerando que, desde o processo de ocupação até os dias atuais, a população local vem enfrentando esses dilemas.

O fator positivo é que os interlocutores participantes deste estudo são capazes de expressar que o Jardim Oliveira vive o abandono e o descaso do poder público, com isso, percebe-se que muitos deles se sentem desvalorizados enquanto pessoas e impotentes para reivindicarem melhorias para a qualidade de vida no bairro.

O Jardim Oliveira vive a contradição, mesmo tendo a fama de ser um bairro violento, ganha visibilidade, o que diferencia o cotidiano do bairro, durante a semana, é percebido o movimento de seus próprios moradores, a visibilidade do morador trabalhador com suas bicicletas, o pescador com sua maletinha. Os finais de semana são percebidos

como um bairro movimentado, devido a um dos aspectos favoráveis do lugar, a sua localização geográfica, por este ser situado à margem do rio Paraguai.

Diante dos estudos, o contato com os interlocutores, juntamente com os dados coletados, permitiu entender e compreender o Jardim Oliveira em suas especificidades, proporcionando o conhecimento do seu próprio espaço de vivência. Infere-se que é necessário uma melhor atenção para as questões visíveis do lugar, que culmine em implementação e implantação de políticas públicas que possam proporcionar à população melhoria na qualidade de vida destes, e ainda uma melhor valorização humana.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Bernadete Durões; ARAÚJO, Enio; ESGALHA, Silvio Vince; CONTE, Cláudio Quoos; FILHO, Luiz Campos, L. **Cáceres: Vila Maria do Paraguai**. Cuiabá: BDA, 2006.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Kanopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto, 1994.

CALLAI, Helena. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 71-114.

CALLAI, Helena. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008).

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LACERDA, Rubens Gomes. Instantâneo histórico de Cáceres. In: CHAVES, Otávio Ribeiro; ARRUDA, Elmar Figueiredo de (Org.). **História e Memória: Cáceres**. Cáceres, MT: UNEMAT, 2011. p. 193-215.

LOPES, Jecson Girão. As especificidades de análise do espaço, lugar, paisagem e território na Geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 23-30, maio/ago. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/viewFile/7332/4371>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. **A pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. 6. ed. São Paulo: EPU, 2012.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. E. D. A. **A pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MELLO, João Batista Ferreira. A restauração dos lugares no passado. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 63-68, jul./dez. 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/Sj2uPM>>. Acesso em: 14/05/2016.

MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como construção social. **Revista Formação**, v. 2, n. 14, p. 48-60, 2007. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6_moreira_e_hespanhol.pdf>. Acesso em: 14/05/2016.

SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012a.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único a consciência universal. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Márcia Andréia Ferreira; RAMIRES, Júlio Cesar de Lima. Percepção espacial da violência e do medo pelos moradores dos bairros Morumbi e Luizote de Freitas em Uberlândia/MG. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 21, n. 1, p. 131-145, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sn/v21n1/v21n1a09.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2016.

SERPA, Ângelo. **Lugar e mídia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. O espaço fora do lugar: uma suposta filosofia geográfica do espaço e do lugar. **Revista do Departamento de Geografia – USP**, v. 29, p. 305-319, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/102127/100548>>. Acesso em: 18 maio 2016.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 2012.

ZART, Laudemir Luiz; MENDES, Edson Penha Mendes; FERREIRA, Taciane Neves Faustino. Organização Socioeconômica de Mulheres: interpretações a partir de um bairro periférico de Cáceres-MT. **Revista Cultura & Extensão UNEMAT**, v. 1, n. 1, p. 60-72,

jan./jun. 2016. Disponível em:
<<https://periodicos.unemat.br/index.php/rceu/article/view/1138/1300>>. Acesso em: 26 maio 2016.